

SINALIZAÇÃO DE TERMOS QUÍMICOS EM LIBRAS: NECESSIDADE DE PADRONIZAÇÃO

SIGNALIZATION OF CHEMICAL TERMS IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE: NEEDED OF STANDARDIZATION

João Paulo Stadler¹

Resumo: As terminologias científicas apresentadas aos alunos surdos carecem de sinalização oficial em dicionários da Língua Brasileira de Sinais, motivando trabalhos que promovam a discussão e criação desses termos em pequenos grupos. Visando a verificar similaridades e diferenças entre sinalizações para ÁTOMO e SUBSTÂNCIA, usados por diferentes grupos em Curitiba, e sinais publicados em trabalhos de pesquisa, procederam-se a entrevistas com um professor bilíngue, com tradutores e intérpretes de língua de sinais, a fim de caracterizá-los e compará-los nos parâmetros de execução de sinais. Evidenciou-se que todos os sinais são diferentes entre si, o que pode ocorrer devido ao intenso regionalismo observado na Língua Brasileira de Sinais, à falta de divulgação dos sinais e à realização dos trabalhos acadêmicos em conjunto com pequenos grupos da comunidade surda. Diante disso, a necessidade de padronização se baseia na melhoria do processo de aprendizagem e no melhor acesso a exames em larga escala, minimizando problemas decorrentes da troca de tradutores ou de professores.

Palavras-chave: Sinais específicos. Ensino de surdos. Libras.

Abstract: Scientific terminologies presented to Deaf students lack official signs in Brazilian Sign Language dictionaries. This fact is a motivation to studies that stimulate discussion and creation of these signs in small groups. To verify the similarities and differences among signals for ATOM and SUBSTANCE used by different groups in Curitiba and signs presented in research works, interviews with a bilingual teacher and sign language interpreters and translators were carried out to characterize and compare the signals execution parameters performed by each one. After the comparison between the parameters observed, it was evident that all the signs are different which may occur due to the intense regionalism observed in Brazilian Sign Language, low disclosure of the signs and the achievement of academic works in conjunction with small groups of the Deaf community. Whereas, the need of standardization is based on the improvement on the learning process and better access to large scale exams, minimizing issues due to translators or teachers replacement.

Keywords: Specific signs. Deaf teaching. Brazilian sign language.

A formação e características das terminologias científicas e a elaboração de sinais na Língua Brasileira de Sinais (Libras)

A relevância da compreensão do uso e da construção de terminologias científicas é justificada, segundo Cano (1998), pelo desenvolvimento científico e tecnológico e

¹ Instituto Federal do Paraná – Campus Palmas. E-mail: joao.stadler@ifpr.edu.br

pelo conhecimento produzido nesse processo, o que resulta na introdução de novos termos e conceitos a serem estudados em sala de aula. Constantemente, há uma demanda de utilização de vocabulário científico atualizado pelos sujeitos do processo de ensino e aprendizagem.

Essas terminologias, que foram significadas e incorporadas ao léxico, geralmente, são constituídas de radicais de origem grega combinados com palavras de outras línguas (latina, inglesa e francesa). São exemplos de terminologias do primeiro caso: *exotérmico*, *heterogêneo*, *fotossíntese*, *homeotermo*, *átomo*. Nesses casos, os termos em itálico foram incorporados ao léxico (sublinhado).

Outra possibilidade para a formação das terminologias é abordada por Araújo, Martins e Silva (2011), descrita como a restrição de um substantivo já existente no léxico por adjetivos conhecidos. Por exemplo: destilação *fracionada*, ligação *iônica*, tabela *periódica*, energia *livre*, nos quais um termo é restringido de modo a elaborar uma nova terminologia científica.

Cano (1998) atribui a pouca variabilidade sintática ou ortográfica dessas terminologias à restrição de seu uso em círculos fechados. Esse fato se configura como uma vantagem no estudo desses termos no contexto das línguas orais.

Diante da exposição dos alunos surdos nas salas de aula nos contextos de ensino bilíngue, tornou-se necessário que essas terminologias científicas, há muito utilizadas nas línguas orais, fossem incorporadas ao léxico da Libras de modo a possibilitar a transmissão dos conceitos representados por elas da maneira mais adequada possível, ou seja, minimizando questões relacionadas com os obstáculos epistemológicos e concepções alternativas, por exemplo.

Os neologismos são frequentes na Libras, tendo em vista a interação entre comunidades surdas distintas e entre comunidades surdas e ouvintes, podendo surgir de diferentes formas. No caso de sinais de áreas específicas, como a Química, observa-se que os termos derivam da ação de ouvintes, como tradutores, professores e pesquisadores da área (SILVA; SILVA, 2012; VALES, 2008; MARINHO, 2007). A principal questão controversa referente aos neologismos é quando a relação visoespacial é diminuída e prevalece o uso das letras da palavra em português para compor o sinal (SPERB; LAGUNA, 2012).

Quando se trata da Libras, deve-se levar em conta a complexidade inerente às línguas de sinais e suas diferenças em relação às línguas orais. Em Marinho (2007) está destacada a principal diferença entre os dois tipos de língua: a composição do sinal.

Tendo em vista o caráter viso-espacial da Libras (ou seja, a comunicação se utiliza da visão para captar a informação e do espaço, no qual se dá o movimento das mãos, para executar os enunciados), os sinais apresentam características, gramaticalmente estabelecidas quanto à sua execução, das quais os cinco pontos principais são (MARINHO, 2007):

- a) **configuração de mão (CM):** consiste no formato da mão que determina o sinal. São contabilizadas, geralmente, 72 configurações de mãos diferentes;
- b) **ponto de articulação (PA):** compreende a região na qual o sinal será executado, em geral, a região frontal do corpo compreendida entre a cintura e a cabeça (espaço neutro), podendo ocorrer toques em algumas partes do corpo (cabeça, testa, braço);
- c) **movimento (M):** esse parâmetro está relacionado com as características do movimento das mãos durante a execução do sinal. É subdividido em outros aspectos, como a frequência (com ou sem repetição), maneira (calmo, rápido), direção (de cima para baixo, para a frente) e tipo (reto, circular);
- d) **orientação da mão (OM):** referencial que se baseia na posição para qual a palma da mão está apontando;
- e) **expressões não manuais (ENM):** consistem no movimento do corpo (tronco e cabeça) e nas expressões faciais.

Entretanto, mesmo ocorrendo essa padronização na normatização dos sinais, ela não é utilizada na criação dos sinais. É usada, apenas, como um meio de apresentação dos sinais (assim, como falantes do português, não caracterizamos sintaticamente as palavras no momento do seu uso)

Os sinais, portanto, ocorrem de forma natural nas reuniões dos surdos. Essa dinâmica evidencia a regionalidade observada fortemente na Libras (FERNANDES, 2011). De fato, quem aprende Libras estarrece-se com as diferenças dos sinais utilizados em Curitiba, em relação aos de São Paulo e Porto Alegre, por exemplo.

Por outro lado, embora as terminologias científicas sejam apresentadas em sala de aula, não são, em geral, incluídas no léxico da sociedade como um todo, tornando-se restritas ao uso de um pequeno grupo.

A sinalização de termos específicos em sala de aula

A falta de sinais específicos em Libras decorre da complexidade encontrada na sua criação, no tempo necessário para a inclusão no léxico, e na ausência de uso desses termos pela sociedade comum, interferindo na apresentação dos conceitos para alunos surdos, tanto por professores bilíngues como por Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) (LINDINO et al., 2009).

Na tentativa de corrigir esses problemas e facilitar a comunicação com os alunos surdos, os TILS acabam elaborando, com o auxílio dos alunos, sinais específicos a partir do que é apresentado pelos professores, sem que ocorram, em geral, reuniões de surdos, para avaliar a questão linguística, e de professores, para avaliar a questão conceitual (SOUZA; SILVEIRA, 2011).

A elaboração de sinais específicos motivada por trabalhos de pesquisa, sem que houvesse ampla participação da comunidade surda, aparece em alguns trabalhos, como os de Vilmar Silva e Fábio Silva (2012), Vales (2008) e Marinho (2007), que foram motivados pela necessidade de aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem, evitando o uso de datilologia e de sinais parecidos que não denotassem conceitos desejados.

Vilmar Silva e Fábio Silva (2012) promoveram a criação de sinais considerando as regras gramaticais e a influência visual promovida por um *software* para a edição de textos. A elaboração ocorreu em sala de aula, entre os pesquisadores e os alunos de um curso de informática. Sinais específicos a serem utilizados nas aulas de Arte foram desenvolvidos por Vales (2008), em parceria com quatro professoras de surdos. Foram compilados em um Dicionário Regional. Em reunião com alunos e TILS da escola, Marinho (2007), priorizando as ideias dos alunos, apresentou sinais próprios de Biologia.

O primeiro exemplo específico para a Química foi publicado por Souza e Silveira (2011) que, além de constatar a dificuldade dos TILS em encontrar termos específicos para a tradução, publicaram uma série de sinais para termos químicos. Outro trabalho na área de Química foi o de Saldanha (2011), culminando com a elaboração de vários sinais para termos químicos de reuniões com três alunos e dois TILS.

Apesar de todos os trabalhos visarem a promover a melhoria do processo de ensino e aprendizagem para alunos surdos, observa-se que a criação de sinais de Libras para termos específicos das áreas é feita em pequenos grupos, longe dos centros de referência da comunidade surda, como o Instituto Nacional de Educação de Surdos

(Ines) e as Federações de Educação e Integração de Surdos (Feneis), o que pode causar ainda mais demora na disseminação do sinal, sua inclusão no léxico e a criação de sinais diferentes para os mesmos termos.

Diante das hipóteses apresentadas, este trabalho pretende verificar se os sinais para os termos **ÁTOMO** e **SUBSTÂNCIA** apresentados por Souza e Silveira (2011) e Saldanha (2012) são iguais entre si e se correspondem aos sinais utilizados por um professor bilíngue e os três TILS entrevistados em Curitiba.

Aspectos metodológicos

Segundo os pressupostos apresentados por Moreira e Caleffe (2008), esta pesquisa será enquadrada como qualitativa, com características de casual-comparativa, tendo em vista que o objetivo é investigar as similaridades e diferenças entre os sinais para os termos “átomo” e “substância” publicados e os efetivamente praticados em Curitiba. Entende-se, portanto, que a criação de sinais é uma variável que não pode ser de todo controlada pelos pesquisadores, portanto, a análise *post facto* será voltada aos sinais já utilizados.

A primeira etapa da pesquisa consistiu na busca em dicionários que são referência da língua brasileira de sinais (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2011; BRANDÃO, 2011; LIRA e SOUZA, 2008) para a verificação da existência de sinalização oficial para os termos apresentados.

Em seguida, foi realizada a determinação dos cinco parâmetros de execução dos sinais (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da mão e expressões não manuais) nos exemplos propostos por Souza e Silveira (2011) e Saldanha (2011). No primeiro caso, os sinais foram propostos por TILS em sala de aula, a partir do entendimento das explicações dos professores, enquanto no segundo, a elaboração de sinais foi feita durante reuniões de alunos surdos, coordenadas por uma pesquisadora.

A terceira etapa foi composta pelas entrevistas realizadas com um professor bilíngue e três TILS, a fim de verificar como os termos escolhidos são efetivamente sinalizados, procedendo-se à identificação dos cinco parâmetros de execução. O professor bilíngue possui cinco anos de experiência na escola bilíngue nas disciplinas de Matemática, Química e Física no ensino médio. Dois dos TILS atuam em uma escola regular com turmas especiais, distintas, de alunos surdos há cerca de dois anos, ambos com formação em ensino médio com o diploma de proficiência em Libras. O terceiro

tradutor trabalha há três anos em uma instituição particular de ensino, na área de ensino a distância. É formado em Letras com especialização em Libras.

Por fim, foi feita a comparação dos parâmetros de execução para determinar se os sinais eram iguais ou diferentes, em termos dos parâmetros estabelecidos.

Resultados e discussões

A verificação da existência desses termos em dicionários de referência da Libras (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001; LIRA; SOUZA, 2008; BRANDÃO, 2011) revelou que ambos os termos não estão presentes, o que pode ser justificado pela recente oficialização da Libras e pelo fato de que termos científicos, por não serem de uso corrente da população em geral (CANO, 1998), não são discutidos nas reuniões de surdos que resultam na criação de novos sinais (SPERB; LAGUNA, 2012).

Embora não sejam utilizadas pela população em geral, as terminologias científicas são apresentadas em sala de aula de ensino médio e, como esperado, o que se observa é a carência de sinais específicos de Química e a determinação de sinais em pequenos grupos (SOUZA; SILVEIRA, 2011).

Para verificar as sinalizações existentes, foram realizadas entrevistas com profissionais de três grupos que trabalham com alunos surdos em Curitiba. Essas entrevistas consistiram na apresentação das intenções do trabalho e na investigação de como as sinalizações para os termos ÁTOMO e SUBSTÂNCIA eram realizadas.

As caracterizações, quanto aos parâmetros de execução dos sinais, estão apresentadas nos Quadros 1 e 2, que representam a execução de cada sinal. A classificação da configuração de mão baseou-se na tabela apresentada por Figueira (2011, p. 57). Nos quadros, as siglas significam:

- | | |
|-------------------------------|-------------------------------|
| ▲ SS: Souza e Silveira (2011) | ▲ CM: Configuração de mão |
| ▲ SA: Saldanha (2011) | ▲ OM: Orientação da mão |
| ▲ PB: Professor bilíngue | ▲ M: Movimento |
| ▲ T1, T2 e T3: TILS | ▲ PA: Ponto de articulação |
| ▲ D: Mão direita | ▲ EMN: Expressões não manuais |
| ▲ E: Mão esquerda | |

Quadro 1 – Fotografias referentes ao sinal de átomo e suas respectivas sinalizações

							
Parâmetro		SS	AS	PB	T1	T2	T3
CM	D	40	47	47	1	1	14
	E	2	42	47	2	2	2
OM	D	Baixo	Baixo	Esquerda	Esquerda	Esquerda	Corpo (horizontal)
	E	Direita	Direita	Direita	Direita	Direita	Direita
M	D	Circular em torno da mão direita	Circular em torno da mão direita	Giro pulso	Circular em torno da mão direita	Circular em torno da mão direita	Circular em torno da mão direita
	E	Parado	Parado	Giro pulso	Parado	Parado	Parado
PA	Espaço Neutro, Em frente ao peito						
EMN	Nenhum						

Fonte: Autoria própria, baseado em Figueira (2011, p. 57).






Pode-se verificar que as sinalizações para o termo **ÁTOMO** são diferentes entre si, exceto nos casos T1 e T2, que trabalham no mesmo grupo de TILS, confirmando o que foi observado por Souza e Silveira (2011), Vales (2008) e Marinho (2007), entre outros, em relação à criação de sinais dentro de pequenos grupos, de acordo com a necessidade.

Quanto ao processo de criação de sinais, observa-se a prevalência da relação visual, tendo em vista que, exceto na sinalização do professor bilíngue (PB), que representa uma esfera, os outros sinais simulam o movimento circular dos elétrons ao redor do núcleo. Em T1 e T2 ficam evidenciados os empréstimos relacionados com a letra da palavra em português, o que foi observado por Sperb e Laguna (2012), uma vez que a mão que circula o “núcleo” tem a configuração que representa a letra “A”, como foi apontado pelos TILS que participaram da elaboração do sinal.

Percebe-se, também, que esses sinais desenvolvidos não apresentam os métodos de criação apontados por Cano (1988) e Araújo *et al.* (2011), evidenciando o caráter independente da Libras em relação ou português, amplamente difundido pelos surdos e apontado por Fernandes (2011).

Na sequência, são apresentados os sinais para o termo **SUBSTÂNCIA** (Quadro 2). Nesse caso, ocorrem sinalizações com composição, ou seja, o conceito é representado por dois sinais em sequência:

Quadro 2 – Fotografias referentes ao sinal de substância e suas respectivas sinalizações

											
Parâmetro		SS	AS		PB	T1 e T2		T3			
CM	D	53b	2	61	28	40	44	28	40		
	E	53b	-	-	28	40	44	28	40		
OM	D	Corpo	Esquerda	Esquerda	Corpo	Corpo	Corpo	Corpo	Corpo		
	E	Corpo	-	-	Corpo	Corpo	Corpo	Corpo	Corpo		
M	D	Semicírculo para direita	Parado	Parado	Para direita	Para cima e para baixo, girando o pulso	Mover dos dedos	Para direita	Para cima e para baixo, girando o pulso		
	E	Semicírculo para Esquerda	-	-	Para esquerda	Para cima e para baixo, girando o pulso	Mover dos dedos	Para esquerda	Para cima e para baixo, girando o pulso		
PA		Espaço neutro, em frente ao peito	Espaço neutro, em frente a boca		Espaço neutro, em frente ao peito						
EMN		Nenhuma									

Fonte: Autoria própria, baseado em Figueira (2011, p. 57).

O que se observa no Quadro 2 é que a diferença entre a sinalização dos termos de cada grupo e dos trabalhos divulgados não é referente somente ao caso de um conceito, permitindo inferir que é uma situação recorrente no contexto da educação de surdos.

Os casos de T1/T2 e T3 mostram a composição de um termo científico pela restrição com um adjetivo (ARAÚJO *et al.*, 2011), respectivamente “coisa – química” e “material – química”.

De modo geral, pôde-se perceber que, dentro da mesma cidade, apenas alterando a instituição de ensino, os sinais sofrem alteração e nenhum deles foi retirado de trabalhos publicados na área, indicando que a publicização desses sinais não é eficiente, uma vez que nem pessoas diretamente relacionadas com eles os empregam.

Duas questões ficam evidentes: a primeira permite entender que sinais não elaborados em reuniões de surdos, mas motivados por TILS e pesquisadores ouvintes não têm, em geral, aceitação suficiente para a inclusão de termos no léxico da Libras. A

grande variabilidade/regionalidade observada entre diferentes grupos de surdos, observada por Fernandes (2011), é muito mais evidente do que no português falado.

Durante as entrevistas, os TILS e o professor bilíngue, e principalmente este último, admitiram a necessidade de uma padronização nacional em relação a esses termos, mas previram a impossibilidade de tal ação justamente pela característica da diversidade inerente da Libras.

A outra questão discutida nas entrevistas, embora não prevista de início, foi o motivo de os sinais serem diferentes dos apresentados nos trabalhos publicados. Dois pontos foram colocados em discussão. O primeiro referiu-se ao fato de que os TILS não possuem formação específica nas áreas que traduzem (PORTO, 2014; JORDÃO, 2013; DORIZAT; ARAÚJO, 2012), por isso não têm acesso a esse tipo de publicação; e, em segundo lugar, novamente, o fato de que esses sinais emergiram de outros grupos e/ou de não surdos, o que causa resistência na inclusão dos sinais no léxico pelos alunos.

Considerações finais

A partir da investigação dos sinais para os termos *ÁTOMO* e *SUBSTÂNCIA* apresentados em trabalhos publicados e sinalizados por diferentes profissionais da educação especial, foi possível descrevê-los em função dos parâmetros que estabelecem, gramaticalmente, a composição dos sinais em Libras (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da mão e expressões não manuais).

Ao comparar as descrições dos sinais obtidos, evidenciou-se a diversidade dos sinais para a sinalização dos termos específicos elencados em diferentes grupos de educação de surdos em Curitiba, suscitando as características da Libras em relação à elaboração e divulgação de sinais e à independência no que se refere ao português. Foi possível perceber que, mesmo para profissionais que trabalham no mesmo espaço, os sinais empregados podem ser diferentes, o que pode aumentar a dificuldade dos alunos surdos em entender os conceitos específicos.

Acreditamos que a grande variedade de sinais específicos esteja intimamente relacionada, em primeiro lugar, com a baixa incidência dos termos na linguagem coloquial, o que faz com que não sejam amplamente utilizados e necessários no cotidiano e também devido à criação de sinais pelos TILS no momento da tradução, sem que sejam apresentados para grandes grupos de surdos, o que causa a restrição dos sinais nas salas de aula.

Na visão dos pesquisadores que realizaram este estudo, fica evidente que os trabalhos envolvendo a comunidade surda devem ser mais amplamente divulgados entre os surdos, para que eles possam construí-los em conjunto com os pesquisadores da academia e passem a se apropriar deles de modo mais eficiente.

Dessa forma, defendemos que trabalhos como esse têm o potencial de motivar movimentos que evidenciam a importância de se incluir amplamente os surdos na criação dos sinais, para que eles possam ser mais rapidamente difundidos e empregados em maior escala. Entendemos que, no caso de sinais para termos específicos, a padronização faz-se necessária para que os surdos tenham melhor qualidade na aprendizagem e na sua comunicação em diferentes meios, como na participação de eventos de maior abrangência ou em exames de larga escala, por exemplo, o Exame Nacional do Ensino Médio, evitando dificuldades em razão da troca de professor ou tradutor.

Referências

ARAÚJO, M.; MARTINS, P. I.; SILVA, W. S. Estudando a terminologia das ciências naturais: as composições em revistas de divulgação científica. **Cadernos de Terminologia**, São Paulo, n. 4, p. 57-78, 2011.

BRANDÃO, F. **Dicionário ilustrado de libras**: língua brasileira de sinais. São Paulo: Global, 2011.

CANO, W. M. Prefixação no Vocabulário Técnico-Científico. **Rev. Alfa**, São Paulo, v. 42, p. 71-91, 1998.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (ed.). **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da língua de sinais brasileira**: Libras. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

DORZIAT, A.; ARAÚJO, J. R. O intérprete de língua de sinais no contexto da educação inclusiva: o pronunciado e o executado. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 18, n. 3, p. 391-410, jul./set., 2012.

FERNANDES, S. **Educação de surdos**. Curitiba: IBPEX, 2011.

FIGUEIRA, A. S. **Material de apoio para o aprendizado de Libras**. São Paulo: Phorte, 2011.

JORDÃO, U. V. **O que dizem os intérpretes de Libras do Sudeste Goiano sobre formação e atuação**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

LINDINO, T. C. et al. Química para discentes surdos: uma linguagem peculiar. **Revista Trama**, Marechal Cândido Rondon, v. 5, n. 10, p. 145-158, 2009

LIRA, G. de A.; SOUZA, T. A. F. **Dicionário da língua brasileira de sinais**. Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>. Acesso em: 27 mar. 2019.

MARINHO, M. L. **O ensino de biologia: o intérprete e a geração de sinais**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PORTO, N. S. G. A atuação dos TILS no processo de construção de sinais na área de conhecimento das ciências exatas: qualificando o ensino dos surdos. **Caderno de Letras**, n. 22, jan./jul. 2014.

SALDANHA, J. C. **O ensino de química em língua brasileira de sinais**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências na Educação Básica) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Duque de Caxias – RJ, 2011.

SILVA, V.; SILVA, F. I. **A criação de novos sinais na disciplina de informática do Curso de Educação de Jovens e Adultos Surdos com Profissionalização em Desenho Técnico: iniciando uma leitura**. Palhoça – SC: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Surdos, Instituto Federal de Santa Catarina, 2012.

SOUZA, S. F.; SILVEIRA, H. E. Terminologias químicas em Libras: a utilização de sinais na aprendizagem de alunos surdos. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 37-46, 2011.

SPERB, C. C.; LAGUNA, M. C. V. Os sinalários na língua de sinais: como surgem os sinais?. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 9., 2010, Chapecó, **Anais [...]**. Chapecó, 2010.

VALES, L. S. **Pequeno dicionário regional de libras para artes**. 2008. Monografia (Especialização em Pedagogia da Arte) – Faculdade de Arte, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.